

CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM BEBÊS

Thamisa Sejanny de Andrade Rodrigues
Universidade Federal de Sergipe
thamisaunb@hotmail.com

Tacyana Karla Gomes Ramos
Universidade Federal de Sergipe
tacyanaramos@yahoo.com.br

Resumo: A Educação Infantil é um campo de estudo que vem suscitando diversos debates acerca de sua importância, valorização e, principalmente, sobre a qualidade esperada para os primeiros anos dessa primeira etapa da educação básica. Diante disso, este artigo tem como objetivo apresentar os resultados acerca de pesquisas sobre práticas pedagógicas desenvolvidas com bebês matriculados em instituições de educação infantil. Assim, trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico em que são utilizados dados do banco de teses e dissertações da CAPES, na busca de rastrear a produção acadêmica vinculada à área de estudo em pauta. Percebe-se que durante muito tempo, predominaram as discussões acerca da infância e da criança diante de uma perspectiva “adultocentrada”, negando à criança falar sobre si mesma, suas expectativas, seus desejos, interesses e formas de ver o mundo ou ofuscando o reconhecimento de suas possibilidades. Na busca por uma ação menos “adultocentrada”, autores de diferentes campos de atuação, principalmente ligados à Psicologia e à Educação, ampliaram o debate em torno de uma educação que valorize a criança enquanto sujeito de direito. Ampliando o argumento defendido, os estudos na área da Sociologia da Infância têm investido em dar visibilidade à infância como construção social e à criança como protagonista social. Considera-se para a análise do tema de investigação o contexto histórico da Educação Infantil, seus avanços em termos de legislação e os desafios para implantação de uma educação de qualidade destinada à criança integrante da educação infantil desde bebê. Os resultados apontam para a urgente superação do caráter assistencialista que ainda permeia as práticas educativas, a valorização e formação dos educadores, além de mais eficiência das políticas públicas, no sentido de ampliar e garantir qualidade à educação dos bebês.

Palavras-chave: Creche, pesquisas em Educação Infantil, práticas pedagógicas com bebês.

1 INTRODUÇÃO

A inserção de crianças pequenas em creches¹ não é um fato recente no Brasil. Desde a metade do século XIX, acompanhando uma tendência mundial, começaram a surgir as primeiras propostas de instituições pré-escolares no país (KUHLMANN, 1998). Inicialmente essas instituições foram criadas a partir de um caráter assistencialista, já que seria um local onde a classe operária poderia deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Entretanto, o papel que a creche desempenhava no passado, aos poucos foi se modificando, mas para isso foi necessário um longo período de discussões e avanços sobre o estudo da infância.

¹ Considera-se creche o primeiro ciclo da educação infantil que atende crianças de 0 a 3 anos, matriculadas em instituições de educação infantil – BRASIL, 2009.

Durante esse percurso histórico existiram significativas mudanças acerca do papel da creche enquanto instituição não apenas assistencialista, mas educativa. O grande marco, em termos legais, para a educação infantil no Brasil foi a sua inserção na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, como uma das etapas da educação básica.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, art. 29).

Essa inserção tornou-se importante por possibilitar que a educação infantil passasse a ser contemplada nas políticas públicas educacionais brasileiras. No entanto, verifica-se que a educação infantil ainda passa por um momento de transição, sobretudo no que diz respeito à creche. Isso porque aos poucos a concepção de creche, enquanto espaço de desenvolvimento do bebê e da criança pequena vem ganhando espaço na sociedade, especialmente na atuação profissional docente.

A visão acerca das práticas educativas com bebês aos poucos vem se consolidando, a educação compensatória, segundo KRAMER (2006), já não cabe mais no atual cenário em que se encontra a educação infantil. Dessa forma, faz-se necessário analisar como essa nova orientação se reflete na organização de práticas pedagógicas com bebês, em seu primeiro ano de vida.

O objetivo desta pesquisa é fazer uma investigação e análise sobre as produções científicas na área da educação infantil, tendo como foco principal as práticas pedagógicas desenvolvidas com bebês na creche. Além de apresentar uma visão ampliada do que vem sendo discutido sobre a especificidade do trabalho pedagógico com crianças dessa faixa etária. Uma das indagações que nortearam a escolha deste objeto de estudo é verificar de que forma vem sendo trabalhada a questão das práticas pedagógicas no ambiente do destinado aos bebês matriculados nas instituições de educação infantil.

Para tanto, a pesquisa tomou como referência primeiramente o resumo de teses e dissertações contidas no banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por conter um espaço de pesquisas reconhecidas tanto nacionalmente, quanto internacionalmente e de artigos publicados em revistas e anais de eventos.

2 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa cuja metodologia é, essencialmente, bibliográfica. Para tanto, a primeira fonte de pesquisa utilizada foi o banco de teses da Capes, onde foram verificados resumos de dissertações e teses, de mestrado e doutorado, respectivamente. Em seguida, foram feitos levantamentos acerca de artigos publicados sobre a temática específica em anais de eventos, revistas científicas e em eventos diversos.

Para essa pesquisa foram utilizadas as seguintes palavras: “berçário”, “práticas pedagógicas no berçário”, “atividades pedagógicas no berçário”. Julgamos necessário pesquisar com essas palavras porque o foco da pesquisa é verificar de que forma as práticas pedagógicas com bebês vêm sendo discutida pela comunidade científica. Cabe explicar que o termo “berçário” foi eleito como principal descritor por ser comumente utilizado para designar o agrupamento etário de crianças de zero a doze meses, matriculadas em instituições municipais de educação infantil brasileiras.

Após a pesquisa no banco da CAPES foram realizadas pesquisas de artigos publicados em revistas eletrônicas científicas, publicações em anais, eventos, entre outros. Vale ressaltar que a pesquisa tomou como base as produções desenvolvidas entre os anos de 2004 a 2010.

Com a palavra “berçário” foram verificadas 325 teses e dissertações de diferentes campos do saber. Como forma de delimitar o foco do estudo utilizei as palavras “práticas pedagógicas no berçário” e, dessa vez, foram verificados doze trabalhos distribuídos entre teses e dissertações, desses, foram três teses de doutorado e nove dissertações de mestrado. Também vale destacar que desses trabalhos encontrados, quatro não tinham como foco principal as práticas pedagógicas no berçário. Quando coloquei as palavras “atividades pedagógicas no berçário”, foram encontrados nove trabalhos, desses apenas dois não se repetiam com os trabalhos encontrados quando pesquisada as palavras “práticas pedagógicas no berçário”. Em relação à área de pesquisa, foi verificada a forte presença dos estudos da área da Pedagogia e da Psicologia.

3 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE A EDUCAÇÃO NAS CRECHES

As pesquisas analisadas trazem como pontos em comum a educação infantil enquanto direito da criança, sendo legitimado pela Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96); a grande demanda ocorrida nos últimos anos por creches e pré-escolas; a importância das interações potencializadas no ambiente do berçário da creche como elemento fundamental para o desenvolvimento da criança, apresentadas nos trabalhos de Rodrigues

(2008), Ramos (2006), Camera (2006), Bressani (2006); a superação do caráter assistencialista da creche que passa pela elaboração de políticas públicas até a formação do profissional, presentes nos estudos de Callil (2010), Roberto (2006), Tristão (2004) ; a valorização da creche enquanto espaço de ampliação e descobertas de novos conhecimentos pelas crianças; a importância do brincar como atividade de alta prioridade no universo da criança; as práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente do berçário, propostas por Santos (2010), Ramos e Rosa (S/D), Barbosa (S/D), Ferreira (2009), Bianchini (2008), Giraldi (2008), Macêdo (2005), Vitta (2004); e, as formas de linguagem utilizadas pelos bebês para se comunicarem, alçadas dos estudos de Bressani (2006), Ramos (2006).

Em relação à Educação Infantil enquanto direito da criança, previsto tanto na Constituição Federal de 1988 (Art. 208, IV), quanto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/94, Art.29) percebe-se que as pesquisas desenvolvidas apontam para um avanço em termos de políticas públicas. Isso porque durante décadas a educação de crianças pequenas esteve ligada apenas a práticas de assistência social e, atualmente, as crianças passam a ter o direito a uma educação que contemple a especificidades dessa fase e que favoreça seu desenvolvimento integral (BRASIL, 2009).

Essa inserção é vista como conquista uma vez que ao se fazer uma análise sobre a trajetória das creches no Brasil, percebe-se que essas foram criadas com o objetivo de dar assistência às crianças da classe trabalhadora, especialmente quando a mulher passou a ingressar no mercado de trabalho. A creche até então funcionava como uma espécie de “depósito de crianças” e, de fato era.

O processo de urbanização e o surgimento de fábricas provocaram a criação de creches com a finalidade de atender os filhos das operárias pobres. Tratava-se de um modo de evitar as faltas e greves. Porém, fortalecendo os princípios higienistas, a função desses espaços era prioritariamente de guarda das crianças, e as ações eram basicamente médico-assistencialistas (GUIMARÃES, 2011, p. 40).

As inúmeras transformações pelas quais a sociedade brasileira passou permitiram com que houvesse uma preocupação sobre o papel desempenhado pela creche. Acompanhando uma tendência mundial, a educação infantil passou a ser vista enquanto direito da criança e dever do estado, em parceria com a família e ofertada em espaços educativos próprios. No caso de crianças de zero a três anos esse espaço seria a creche.

Essas transformações vivenciadas principalmente durante a década de 80 colaboraram para suscitar debates em torno da importância de atividades pedagógicas para o desenvolvimento das

crianças. Embora as pesquisas acerca da criança não sejam recentes, o papel que as crianças desempenham durante os estudos passou a ser ressignificado. Isso porque a criança deixa de ser vista enquanto sujeito isolado e começa a ser vista enquanto sujeito social, que aprende nas relações entre os pares e com os adultos.

Nesse sentido, Rocha (2008, p.49) aponta para a

[...] exigência de dar atenção, não à criança como sujeito isolado, em sua individualidade (tal como, por muito tempo, fizeram a Medicina, a Psicologia e mesmo a Educação, ao estudar a criança fora das suas experiências sociais), mas a uma investigação com crianças que contemple duas dimensões: a experiência social, que constrange não somente as crianças, mas também as crianças e suas ações e significações dentro do contexto de relações [...].

Dessa forma, as pesquisas realizadas se caracterizam, em geral, pela utilização da metodologia etnográfica em que os pesquisadores se colocam enquanto sujeitos que também fazem parte do processo da produção de dados junto com os integrantes do estudo, nesse caso específico os bebês. Também foi observada a presença do recurso da fotografia como forma de analisar a participação dos bebês nas atividades realizadas.

O uso da fotografia como recurso metodológico, aliado à observação das práticas na creche, permite dar visibilidade (por meio da postura crítica do observador-pesquisador) aos movimentos comunicativos das crianças e aos relacionamentos, permitindo focar processos de construção identitária da criança por intermédio da observação dela sobre sua imagem e da educadora sobre as crianças e as interações (GUIMARÃES, p.114).

A interação também é outro elemento bastante presente nas pesquisas. Isso ocorre principalmente nos processos comunicativos, em que as crianças se utilizam de diferentes linguagens e interagem de diferentes maneiras. A mediação do adulto nesse caso é vista como fundamental no processo de construção de um ambiente socializador que respeite as “falas” dos bebês. Dessa forma, os pesquisadores apontam para a necessidade de observar e ouvir as crianças, porque mesmo antes da construção de uma comunicação verbal estruturada, elas já são capazes de expressar suas ações por meio de uma comunicação não verbal realizada por gestos, sorrisos, choros, por exemplo.

Para que a interação se constitua enquanto prática pedagógica da rotina de práticas com bebês é necessária que haja uma formação sólida do profissional da educação para que ele perceba

que a prática profissional do educador de bebês é construída diariamente, no próprio movimento de convívio com as crianças (TRISTÃO, 2005). Dessa forma, o conhecimento tácito que as professoras adquirem no trabalho com os bebês facilita, sobremaneira, a reflexão da teoria sobre a prática, facilitando uma “constituição efetiva da pedagogia da infância” (TRISTÃO, 2005, p. 58).

4 PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO COM BEBÊS

Nos recentes estudos, verifica-se a tendência que defende a escuta das crianças durante todo o processo de construção de organização do trabalho pedagógico no berçário. No entanto, para que isso aconteça é necessário que haja uma formação adequada do educador para lidar com as especificidades presentes durante essa faixa etária, bem como saber ouvir e traduzir as diferentes linguagens utilizadas pelos bebês para se comunicarem.

Para Tristão (2005, p. 39), “as profissionais que trabalham com bebês nas instituições de educação infantil devem alfabetizar-se nas diferentes linguagens das crianças pequenas, buscando entendê-las e, de certo modo, ouvi-las”. Dessa forma, quanto mais a educadora possibilitar momentos de interação e comunicação com/entre as crianças, maior qualidade terá o seu trabalho e, conseqüentemente, as ações pedagógicas serão mais bem compreendidas e aceitas pelas crianças.

Um outro elemento bastante importante quando se considera a organização da prática pedagógica com os bebês é a emoção. As relações estabelecidas entre adultos e crianças e entre os pares são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo dos bebês. A esse respeito, posiciona-se Tristão (2005, p.50)

É por meio da emoção que a criança mobiliza o outro para atender às suas necessidades, que o contagia e o afeta, visto que, indiscutivelmente, o pequeno ser humano não está apto nem mesmo para sair de uma posição desconfortável, dependendo inteiramente do outro para sobreviver. Desta forma a criança atua primeiro não no universo físico, mas no ambiente humano. É o canal da emoção que garante a resposta dos adultos que cuidam do bebê.

As pesquisas mais recentes acrescentam o fato de que os bebês foram durante muito tempo considerados seres incapazes de realizar atividades planejadas pelo educador, cabendo a este apenas o cuidado às necessidades básicas como alimentação, higiene, saúde, etc.

Atualmente, verifica-se uma mudança de paradigma em relação ao papel da creche como espaço de construção da autonomia dos bebês, valorizando suas formas de comunicação e respeitando sua especificidade. Logo, as atividades voltadas para essa etapa da educação básica

devem favorecer o contato das crianças com múltiplas linguagens, contemplando sempre a interação como eixo norteador do currículo dos bebês e crianças pequenas, além das brincadeiras (BRASIL, 2010).

É no contato com o outro que a criança aprende e se desenvolve (VIGOTSKI, 1989). Por isso, é tão importante a presença do educador como mediador dos encontros proporcionados pelo ambiente coletivo de bebês. O educador então passa a ser visto pelos bebês enquanto um adulto de referência, como alguém que, diferente do ambiente doméstico, eles podem se sentir seguros e confiantes.

No entanto, para que isso aconteça é preciso que haja uma sensibilidade e uma formação adequada do educador para atuar com os bebês. É necessário que se rompa o estigma de que para ser uma boa profissional da creche, basta ser uma boa mãe. “Ser mãe e ter experiência no trabalho doméstico são experiências que constituem a profissional da creche” (GUIMARÃES, 2011, p. 53).

Com isso, a complexidade do trabalho pedagógico com os bebês requer cada vez mais formação continuada dos profissionais para assim colaborar com atividades estimuladoras e desafiantes para eles. Não se trata, porém, de acelerar o processo de escolarização dos bebês, mas sim de propor atividades que respeitem e valorizem a fase de desenvolvimento de cada criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil no Brasil, durante toda a história em que esta se fez presente em nosso território, foi marcada por uma visão de que a creche seria um “depósito”, um local de abandonar os filhos e filhas da classe operária. Essa visão aos poucos vem sendo transformada, por conta da nova configuração em que a sociedade se encontra.

Com a pressão dos movimentos sociais, especialmente o movimento feminista, as mulheres lutaram para conseguir seu espaço no mercado de trabalho e o papel da creche, aos poucos, passa a ser modificada, vista não apenas como um local de recolhimento das crianças, mas como uma instituição que cuida e educa, que tem objetivos específicos voltados ao desenvolvimento integral da criança, com profissionais qualificados para lidar com elas, entre outros.

Refletir sobre a organização de práticas pedagógicas com bebês desponta enquanto necessidade urgente, já que durante anos foi negado aos bebês o direito a um espaço de qualidade que o contemple enquanto sujeito integral. Cabe lembrar que não se trata de defender que a educação se sobreponha aos cuidados, mas que eles sejam indissociáveis como prevê nossa

legislação educacional, na possibilidade de oferta de uma educação integral que leve em consideração os aspectos físico, psicológico, intelectual e social das crianças.

Apesar de os estudos na educação de bebês serem recentes, não podemos mais considerar a inexistência desses sujeitos no âmbito de pesquisas brasileiras, como foi possível observar no recorte temporal investigado neste artigo. De modo a fortalecer essa primeira etapa da educação básica, é necessário que todos os sujeitos envolvidos no processo educativo dos bebês percebam a importância da creche como espaço complementar e importante para contribuir no desenvolvimento dos bebês. Construir uma escola de qualidade é garantir um direito que, historicamente, vinha sendo negado ao bebê.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 ago. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 02 jul. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. CNE/CEB. Parecer n. 20/2009. Brasília, DF: 2009.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética**. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, Sonia. **As crianças de 0 A 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e é fundamental**. Educação e Sociedade. Campinas, v.27, n.96 - Especial, p.797-818, out.2006.

KUHLMANN JR., Moisés. **Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998, 209 p.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Criança pede respeito: temas em educação infantil. In: MARTINS FILHO, José (Org). [et al]. **“Você viu que ele já está ficando de gatinho? Educadoras de creches e desenvolvimento infantil”**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 27-62.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.